

# USO DO TERRITÓRIO PAULISTA PELO SETOR SUCRO-ENERGÉTICO E ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA: ANÁLISE DAS MICRORREGIÕES DE DRACENA (SP) E VOTUPORANGA (SP)

**Palavras-Chave:** Especialização regional produtiva; Uso do território; Agricultura globalizada

**Autores/as:**

**Gustavo Augusto Moreira [Instituto de Geociências]**

**Prof. Dr. Ricardo Abid Castillo (orientador) [Instituto de Geociências]**

**Me. Henrique Faria dos Santos (coorientador) [Instituto de Geociências]**

---

## INTRODUÇÃO:

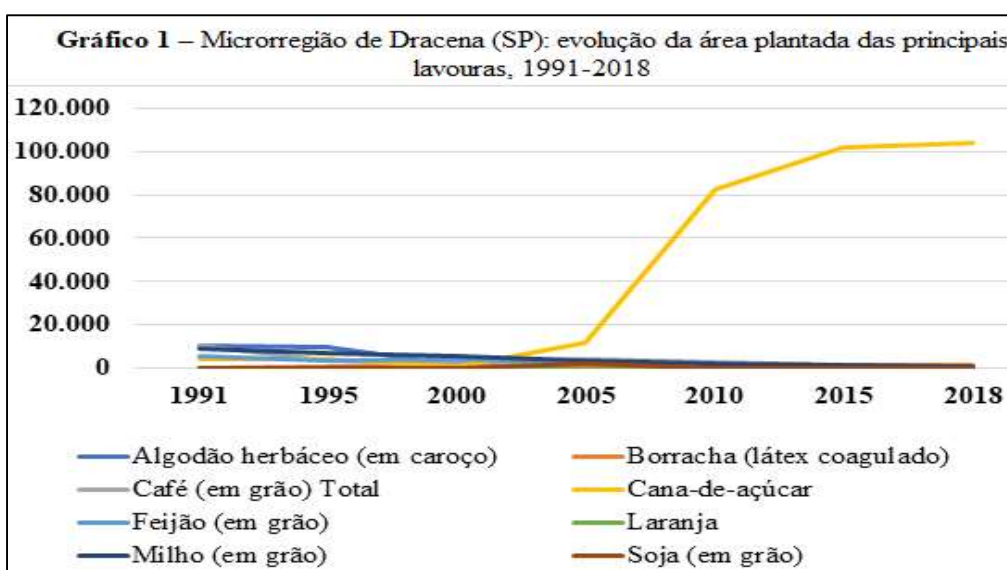
A construção desta pesquisa se erigiu pelo estudo do uso do território paulista pelo setor sucroenergético e a conseqüente especialização regional produtiva ocasionada pela expansão do cultivo de cana-de-açúcar entre 1991 e 2018, com uma análise detalhada sobre as microrregiões de Dracena e Votuporanga.

O setor é marcado por diferentes formas regulatórias e avanços técnicos ao longo do tempo, de forma que o controle estatal se destacou ao longo do século XX. A partir da década de 1990 ganha notoriedade a regulação mercadológica neoliberal, com o fortalecimento dos grupos privados na produção sucroenergética. Esse período é marcado por uma agricultura globalizada de grande expressão técnica e científica, a qual se expande por boa parte do território brasileiro, principalmente sobre o domínio morfoclimático do Cerrado, onde se localizam as microrregiões do estudo. Tal expansão contou com fortes incentivos estatais, que favoreceu a popularização dos veículos *flexfuel* e o crescimento do uso da bioeletricidade, de forma a ampliar a demanda pela produção canavieira.

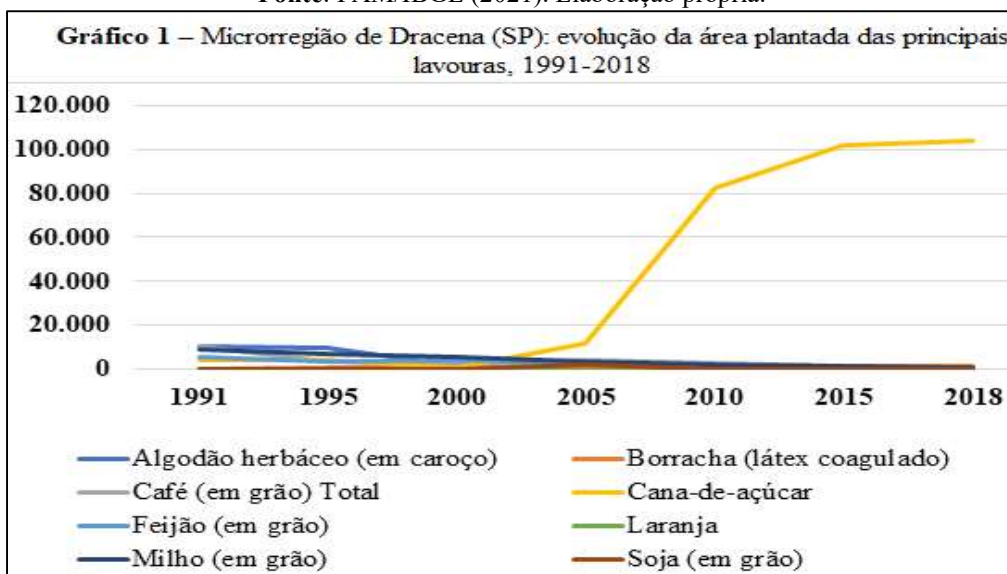
A partir desse novo contexto, o uso corporativo do território pelo setor sucroenergético consolida rearranjos espaciais que implicaram na (re)adequação dos lugares à uma lógica competitiva vinculada a especificidades produtivas da cana-de-açúcar.

## METODOLOGIA

O trabalho é fruto de pesquisa desenvolvida concomitantemente ao desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Para a realização de tais pesquisas, realizou-se levantamento de dados que informaram o uso do território paulista pelo setor sucroenergético. Nesse levantamento, observa-se a massiva ocupação sucroenergética no campo, em especial nas microrregiões do IBGE de Dracena e Votuporanga. Elas apresentavam baixa ocupação de área plantada com cana-de-açúcar em 1991, com 3.917 ha e 263 ha respectivamente. Já em 2018, a área ocupada pela cultura era de 104.340 ha na microrregião de Dracena e 95.205 ha nos municípios da microrregião de Votuporanga (gráficos 1 e 2). Este movimento homogeneiza o campo das microrregiões para o plantio canavieiro.



Fonte: PAM/IBGE (2021). Elaboração própria.



Fonte: PAM/IBGE (2021). Elaboração própria.

É considerando essa trajetória e a série de especificidades produtivas do setor, como a necessidade de proximidade entre as unidades agroindustriais e os cultivos, que se compreende a rigidez locacional e o engessamento do uso do território (CASTILLO, 2015), além de uma especialização regional produtiva (ELIAS, 2011). Assim, foram levantadas bibliografias do setor e da evolução dele junto ao agronegócio globalizado. Além disso, dados qualitativos sobre as microrregiões também foram levantados, de forma a entender as relações campo-cidade impostas pelo momento do setor.

## **EXPANSÃO E DINÂMICA DO SETOR SUCROENERGÉTICO EM SÃO PAULO E NAS MICRORREGIÕES DE DRACENA E VOTUPORANGA**

O setor sucroenergético tem um papel muito importante junto à formação socioespacial brasileira, já que é um dos principais e primeiros ciclos econômicos desenvolvidos desde a colônia. Assim, é possível identificar três momentos distintos na evolução e desenvolvimento do setor sucroenergético no Brasil - sendo o primeiro momento desde a invasão colonial e imposição produtiva da gramínea até a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA).

O segundo momento é marcado pela regulação estatal via IAA (de 1933 a 1991) e a impulsão do setor por políticas públicas, como o Programa Nacional do Alcool (Proálcool) (1975), e a inovação técnica e científica a partir de instituições públicas de pesquisa. Essa condução setorial culminou numa modernização conservadora (PIRES; RAMOS, 2009) da agricultura brasileira, que consolidou uma *agricultura científica globalizada* (SANTOS, 2000). Essas condições conferem a São Paulo a centralidade que o estado e a capital apresentam hoje para o setor.

Já o terceiro momento, que tem seu início com a condição normativa da extinção do IAA em 1991, é marcado pela neoliberalização econômica, de forma a criar um espaço-tempo transitório até 2003. A partir desse ano, o setor sucroenergético se fortalece com o incentivo estatal de uma condição técnica, isto é, a difusão dos carros *flexfuel*. A crise internacional de 2008 promove uma maior concentração de capitais, já que diversas usinas e grupos usineiros se veem quebrados, de forma que grandes grupos nacionais e internacionais passam a controlá-las. Nesse processo, há padronizações produtivas e de consumo advindas da unicidade técnica (SANTOS, 2000), as quais tentam suprimir barreiras e resistências socioespaciais e homogeneizam o uso do território para a acumulação ampliada do capital

Assim, o setor ganha força e se expande para além das fronteiras paulistas em dois eixos de expansão: i) Triângulo Mineiro e sul goiano; e ii) Norte paranaense e leste do Mato Grosso do Sul.

Essa área, então, consolida a Macrorregião Canavieira do Centro-Sul do Brasil (MCSSB) (SAMPALIO, 2015), principal espaço do setor sucroenergético no mundo que aglomera fatores materiais, normativos e técnicos, assim criando *regiões competitivas* (CASTILLO, 2008; 2011). Essa regionalização apresenta sua coesão pela solidariedade organizacional (SANTOS, 2008), que obedece aos interesses e parâmetros globalizados, os quais necessitam da logística para o uso mais fluido e eficiente do espaço, o que possibilita o uso corporativo do território (SANTOS; SILVEIRA, 2010).

Como parte integrante da MCSSB, as microrregiões de Dracena e Votuporanga também apresentam os elementos supracitados típicos do setor sucroenergético. Além disso, as áreas concentram condições geomorfológicas e edafoclimáticas ideais para o cultivo canavieiro. Ademais, pensando na demanda locacional de instalação das usinas junto dos canaviais, as cidades se tornam polos concentradores de serviços como assistências técnicas, casas de revenda de insumos, fertilizantes e serviços bancários. Assim como detém a mão-de-obra e bases de especialização como unidades do Sistema Nacional de Ensino Industrial (SENAs); Sistema Nacional de Aprendizagem Rural (SENARs); centros universitários públicos e privados; e laboratórios de pesquisa.

Para além dessas questões, as microrregiões apresentam importantes fixos logísticos que vão desde a presença da malha ferroviária e rodoviária, até o potencial hidroviário e aéreo presente nas regiões. Essas estruturas proporcionam ao espaço fluidez, de forma que a produção açucareira é escoada para os portos de Santos e Paranaguá por trens (IBGE, 2017), assim como escoada etanol por esse modal, mas principalmente pelas rodovias, até centros de distribuição, como Paulínia (SP).

Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que as áreas apresentam suas características próprias, mas também estão sob influência de outras cidades ou microrregiões, de forma que apresentam funções dentro dos círculos de cooperação e circuitos produtivos instaurados no estado e na MCSSB.

## CONCLUSÕES

Através da pesquisa, foi possível constatar que o setor sucroenergético passou por diversas transformações técnicas e normativas, muito em função dos sucessivos contextos econômicos e políticos do país, sendo o período atual o de maior expressão em termos de mudança do setor. Com o *boom* das commodities, ocorrido na década de 2000, que ampliou o mercado nacional e internacional de açúcar e etanol e, na década posterior, marcada pela crise vivenciada pelo setor em função de vários fatores conjunturais e estruturais, observa-se um movimento de concentração do capital. Um dos fatores que tem levado a esse movimento é a crescente participação do capital estrangeiro na

produção direta do setor, como é o caso, por exemplo, dos grupos Bunge e Glencore, ambos presentes nos territórios microrregionais analisados.

Por apresentar uma ocupação mais recente (pós 2005), como indica os gráficos apresentados, as usinas são mais novas e/ou reformadas, o que propicia uma produção mista (açúcar e etanol), ampliando a possibilidade de lucros. Para além disso, a usina consegue promover o controle de terras, seja pela compra, arrendamento ou contratos de fornecimento (terceirização produtiva). Desse modo, ela instala relações contratuais entre o espaço e seus agentes.

Assim, a agricultura globalizada sucroenergética é caracterizada como uma fonte geradora de riqueza para um grupo específico, já que atende a interesses hegemônicos vinculados a corporações e agentes financeiros internacionais. Esses agentes obtêm altos retornos de lucro a partir da especialização do campo e das cidades à lógica das *commodities*. É uma forma de uso corporativo do território que engessa os lugares e os aliena economicamente, tornando-os vulneráveis às instabilidades advindas do setor produtivo.

## BIBLIOGRAFIA

- CASTILLO, R. Dinâmicas recentes do setor sucroenergético no Brasil: competitividade regional e expansão para o bioma Cerrado. **Revista GEOgraphia**, n. 35, p. 95-119, 2015.
- \_\_\_\_\_. Sustentabilidade, globalização e desenvolvimento. In: OLIVEIRA, M. P. et al. (Orgs.). **O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas**. Rio de Janeiro: Anpege/Clacso/Faperj/Lamparina, 2008. p. 401- 410.
- \_\_\_\_\_. Agricultura globalizada e logística nos cerrados brasileiros. In: SILVEIRA, M. R. (org.). **Circulação, transportes e logística: diferentes perspectivas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011, p. 331-354.
- ELIAS, D. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 13, n. 2, p. 153-167, 2011.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **A Geografia da cana-de-açúcar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017
- PIRES, M.; RAMOS, P. (2009). O termo modernização conservadora – sua origem e utilização no Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**. Vol. 40. N. 3.
- PRODUÇÃO agrícola municipal. In: IBGE: **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5457#resultado>>. Acesso em 3 de mar. 2021.
- SAMPAIO, M. A. P. 360º - O périplo do açúcar em direção à Macrorregião Canavieira do Centro-Sul do Brasil. Tese (Doutorado em Geografia). 826f. São Paulo: FFLECH/USP, 2015.
- SANTOS, M. (1994) **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.
- \_\_\_\_\_. (2000) **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. (2001) **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 13º ed. São Paulo: Record, 2010.